

Perfis de mestres

Fernando de Azevedo

NELSON PILETTI

No início dos anos 70, recém-chegado a São Paulo, forçado a deixar o Rio Grande por razões políticas — demitido que fôra pelas escolas em que lecionava e pelo Banco do Brasil — andava à procura de um tema para a minha dissertação de mestrado quando me deparei com uma notícia de jornal: Fernando de Azevedo doara o seu arquivo pessoal ao Instituto de Estudos Brasileiros. Era o fim do meu problema, o início de intermitentes e profícuos mergulhos na obra do insigne educador e sociólogo, dos quais invariavelmente emergia com o espírito revitalizado por novas e instigantes descobertas.

Desde então, por mais que tivesse tentado, orientando minhas investigações para outros temas, nunca mais consegui me libertar de sua presença, fascinado por sua controversa figura ou premido pelas circunstâncias. A partir da dissertação de mestrado, restrita ao estudo da reforma educacional por ele promovida no Distrito Federal, entre 1927 e 1930 — marco fundamental entre as inúmeras tentativas de renovação do nosso ensino — ampliei a abrangência das minhas pesquisas, na tentativa de compreender a sua trajetória intelectual e humana, que procurei tornar conhecida no trabalho *Fernando de Azevedo: a educação como desafio*, elaborado para o INEP em 1984, décimo aniversário de sua morte, e em vários artigos publicados em 1994, ano do centenário do seu nascimento.

Hoje, tomado de perplexidade ante a situação nacional, em particular no campo educacional, em todos os seus níveis e modalidades, volto a Fernando de Azevedo, quiçá em busca de alguma luz que ilumine nossos caminhos, e me pergunto: com base em minhas limitadas investigações e reflexões, que perfil poderia traçar de Fernando de Azevedo? Quem foi o homem Fernando de Azevedo?

Fernando de Azevedo foi um *homem extremamente organizado e meticuloso*. Foi a primeira impressão que tive, ao entrar em contato com o seu arquivo e folhear os dez grossos volumes contendo recortes de jornais, aproximadamente sete mil matérias sobre a sua administração à frente da Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal. E todos caprichosamente organizados em ordem cronológica, identificados pelo nome do jornal e pela data de publicação, escritos de próprio punho por Fernando de Azevedo.

Fernando de Azevedo foi um *homem obcecado pelo trabalho*. E aqui recorro ao testemunho de sua filha Lollia, para quem o pai foi "um trabalhador incansável, um batalhador: quando chegava em casa, depois de falar conosco e nos beijar, afastávamo-nos indo brincar onde não nos ouvisse. 'Seu pai precisa trabalhar', como minha mãe dizia, sempre vigilante para que ele tivesse a paz necessária". E mais: "Escreveu até o fim da vida. Conseguia escrever mesmo sem enxergar, depois eu lia o que ele havia escrito, corrigia ou modificava se assim ele achasse necessário".

Fernando de Azevedo foi um *homem obstinado*, que, ainda de acordo com Lollia, "até o fim trabalhou e lutou pelos seus ideais". Ou, no dizer de Antonio Cândido, "um exemplar raro de homem que gostava da responsabilidade e cuja lucidez é aguçada, não embotada, pelas dificuldades, porque elas espicaçam o seu ânimo combativo". Sua obstinação ficou evidente, por exemplo, na reforma educacional que promoveu no Distrito Federal, quando lutou tenazmente para modernizar o sistema de ensino, enfrentando poderosos interesses fincados no Conselho Municipal, a famosa *gaiola de ouro*, quando chegou a sofrer um atentado. No calor dos debates, diante da intransigência dos intendentistas, que relutavam em apoiar a reforma, emitiu uma explosiva nota afirmando a certa altura: "O Diretor de Instrução elaborou um projeto de lei e o ofereceu ao Conselho Municipal, atendendo a um convite com que o honraram as comissões reunidas de Instrução, Justiça e Orçamento. Se nada vale, deve ser rejeitado; se tem defeitos, deve ser emendado; se é obra digna de apreço, deve ser aprovada. Supor o Diretor de Instrução Pública capaz de ceder a qualquer pressão ou transação é desconhecê-lo, senão injuriá-lo". Os princípios da reforma — escola única, não uniforme, mas adaptada ao meio; escola do trabalho, ao mesmo tempo conteúdo curricular e método pedagógico; e escola-comunidade ou escola do trabalho em cooperação — continuam, em nossa realidade educacional, ideais em busca de realização.

Fernando de Azevedo foi um *homem de pensamento*, com múltiplos interesses intelectuais, *para quem nada do que é humano era estranho*. Da educação física — área em que foi especialista, tendo escrito uma tese pioneira em 1915 — às ciências sociais, trajetória que completou em 20 anos, transitou pelo ensino de latim e de psicologia, pela crítica literária, pela investigação sobre a arquitetura colonial e sobre a educação paulista, pela reforma educacional. Estudioso e amante dos clássicos, nunca escondeu o seu fascínio pelas ciências modernas, que procurou incluir nos currículos escolares, tanto que, nos anos 50, organizou a obra *As ciências no Brasil*, cuja segunda edição acaba de sair pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1994. Entre 25 livros, a maioria

na área da educação, escreveu obras pioneira no campo das ciências sociais como *Princípios de Sociologia* (1935), *Sociologia Educacional* (1940) e *Canaviais e engenhos na vida política do Brasil* (1948).

Segundo o testemunho insuspeito de Paschoal Lemme, Fernando de Azevedo foi "uma das mais altas expressões da inteligência e da cultura do Brasil moderno", destacando-se por três contribuições fundamentais: "1. *A grande reforma do ensino* no antigo Distrito Federal (1927-1930) (...), reforma essa que, segundo as opiniões mais autorizadas, foi o marco inicial do processo de modernização do ensino no



Acevo FFCL-USP

Fernando de Azevedo

Brasil. 2. *O Manifesto dos pioneiros da educação nova* (1932) (...), documento único na história da educação brasileira. (...) Subscrito por um grupo dos mais eminentes educadores e intelectuais, mantém até hoje sua validade. 3. A monumental obra *A cultura brasileira*, redigida inicialmente para servir de introdução ao recenseamento de 1940, tornou-se de consulta obrigatória para quem deseja conhecer a evolução da cultura nacional, em todos os seus aspectos" (Carta ao *Jornal do Brasil*, 1976). A estas três poderíamos acrescentar uma quarta contribuição, que foi a sua importante participação no processo de fundação da Universidade de São Paulo (1934), destacando-se como um lutador incansável pela implementação do verdadeiro *espírito universitário*, plena-

mente identificado com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras como *anima mater* da Universidade.

Fernando de Azevedo foi um *homem de ação*, tendo exercido vários cargos administrativos, a maioria na esfera educacional, entre os quais podem ser destacados: diretor-geral da Instrução Pública do Distrito Federal (1927-1930); diretor-geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo (1933); diretor do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo (1933-1938); diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (1941-1943); chefe do Departamento de Sociologia e Antropologia da FFCL da USP (1947); secretário de Educação e Saúde do Estado de São Paulo (1947); diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (1956-1960); secretário de Educação e Cultura do Município de São Paulo (1961).

Fernando de Azevedo foi, acima de tudo, um *homem íntegro*, um *humanista* na verdadeira acepção da palavra. Por isso, um homem permanentemente atormentado, "de espírito inquieto e insatisfeito consigo mesmo e com quase tudo que vê à volta de si", como reconheceu em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 1968. Por isso, um homem que lutou pelo desenvolvimento do humanismo, o qual, em suas palavras, "não está na matéria que ensinamos (seja qual for, letras ou ciências), mas no *espírito* que nos anima no ensino de qualquer disciplina e na maneira de ensiná-la". Por isso, que o digam Florestan Fernandes, Antonio Cândido e Maria Isaura Pereira de Queiroz, seus assistentes na USP, o seu apoio àqueles que com ele trabalharam, a sua solidariedade ativa para com os colegas, levando-o a comparecer espontaneamente, apesar de aposentado, para acompanhar de perto os depoimentos dos professores convocados para depor em inquérito policial militar, em 1964.

Finalizo com Antonio Cândido, sem dúvida a melhor companhia neste caso: "Como seu aluno e em seguida seu colaborador de muitos anos; como seu discípulo e amigo, quero que este testemunho sirva principalmente para transmitir às gerações novas a lembrança de um homem insigne, que possuía a retidão escarpada dos lutadores e a ternura afetuosa dos grandes corações".

Nelson Piletti é professor do Departamento de Filosofia da Educação e Ciência da Educação da Faculdade de Educação da USP. É autor de *A Reforma Fernando de Azevedo — DF, 1927-30* (FE-USP, Coleção Estudos e Documentos nº 20, 1982) e *Fernando de Azevedo: a educação como desafio* (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, INEP-MEC, Brasília, 1985).